

Encruzilhadas desejanter*

Crossroads of desire

Denise Duek Reznik

Resumo: Este trabalho parte de três casos clínicos de meninos que ilustram dificuldades na afirmação da identificação masculina na entrada da adolescência e suas conseqüências. Apresenta teoricamente a relação inaugural da criança com a mãe e a intervenção simbólica da função paterna como momento de separação desta alienação inicial. E aponta clinicamente os possíveis desdobramentos quando há falência nos dispositivos paternos através dos quais se dá este encaminhamento.

Palavras-chave: outro materno; metáfora paterna; fobia; tendência anti-social.

Abstract: *In this paper I start from three clinical cases of boys which are illustrative of the difficulties in asserting their masculine identification and the consequences therefrom. It presents, theoretically, the child's inaugural relationship with his mother and the beginning of his separation from this initial alienation by the intervention of the symbolic paternal function. It points out, clinically, possible unfoldings when there is failure of the paternal means of implementing this outcome.*

Keywords: *maternal other; paternal metaphor; phobia; anti-social tendency.*

* Trabalho apresentado no II Encontro de Psicanálise com Crianças e Adolescentes (agosto/05)

O atendimento psicanalítico infantil, tema tão debatido entre nós, mais uma vez convida-nos a revisitá-lo, principalmente por aqueles que estão envolvidos em sua prática, em busca, talvez, de novas articulações ou mesmo de revisões. Este trabalho foi construído a partir da prática clínica de atendimentos individuais de mães e filhos efetuada em parceria com uma colega. Trata-se de uma reflexão teórico – clínica sobre três atendimentos, sendo que dois meninos são atendidos por minha colega, enquanto suas mães são atendidas em análise por mim, dando-se o inverso no terceiro. Dada a proximidade com esta colega, foi possível uma troca de informações que permitiu a elaboração da questão que irei propor.

A reflexão sobre esses casos me motivou a examinar o livro *A relação mãe & filha*, (Zalberg, M., 2003), entendendo que este conteria a matriz do relacionamento entre a mãe e a criança. Nele encontrei preciosas articulações quanto aos fundamentos da constituição do sujeito, sujeito este essencialmente marcado pelo outro, seja em sua presença, às vezes invasiva, seja mesmo por sua ausência. É esta marca essencial e seus efeitos que pretendo examinar, à luz destas três vinhetas clínicas.

No trabalho específico desta autora é privilegiada a relação da mãe com a menina e ela é veemente na defesa da idéia de que a figura da mãe pode causar desdobramentos mais complexos na menina, em detrimento do menino. Segundo Zalberg (2003), a mulher terá, mais que o homem, dificuldade para aceitar a falta encontrada no Outro materno e esta insistência em mantê-lo como tal, isto é, dotado de poderes, deve-se a manutenção da esperança de poder encontrar alguém que lhe dê o que lhe falta, ou seja, um complemento para seu ser. Além disso, à saída do Édipo, diferente do menino, a menina precisa ainda procurar uma identificação feminina, cabendo, portanto, "*a cada mulher forjar-se uma identificação pelos caminhos da inventividade e da criação*" (Zalberg, 2003, p.15). As vinhetas clínicas que apresentarei, ao contrário, dizem respeito a três meninos. Sabemos, naturalmente, já desde Freud, o quanto a posição do menino na constituição edípica foi exaustivamente trabalhada, tornada até paradigmática (em 1925, Freud ([1925]-1976, p.319) afirmou a excelência do processo edípico masculino, considerado por ele como ideal), enquanto a posição da menina só foi particularizada mais adiante na obra freudiana, a partir de uma nova problematização. Pareceu-me interessante refletir sobre os três casos de sujeitos masculinos em momentos de virada para afirmação daquilo que já havia sido construído enquanto identificação, entenda-se, o momento de passagem para ado-

lescência. É interessante notar que nos três casos havia uma evidente falha na absorção da metáfora paterna, o que, num momento tardio do desenvolvimento, exacerbava as questões ligadas a figura materna. Dito de outra forma, a consolidação da operação de corte e separação, que salvaria os jovens da alienação ao regressivo mostrou-se fragilizada, vacilante.

Utilizo-me do trabalho desta autora para rever os conceitos acima descritos, tendo como sustentação a teoria lacaniana, e, através destes, percorrer os caminhos da constituição destes pequenos sujeitos. Antes, porém, inicio com uma palavra sobre a mãe, este outro fundamental na história de cada um. Diz Zalberg (2003), no referido livro, que a história particular que cada menina escreve com sua mãe, ao longo de sua infância e adolescência, costuma deixar na filha uma indiferenciação com relação à mãe quanto à sua identificação própria como mulher. Desse fato, vivido em registro inconsciente, ela só experimenta seus efeitos: uma vontade de continuar próxima à mãe e, ao mesmo tempo, uma necessidade de distanciar-se dela, sem saber bem o porquê. A autora se pergunta:

“Como sair desse ciclo repetitivo, de separação e retorno, pelo qual manifesta seu anseio de aceder a uma verdadeira identidade feminina, distinta da de sua mãe?” (op.cit., p.14).

Esta dificuldade ressentida pela menina de se separar da mãe foi considerada por Freud em seus últimos textos, como um aspecto crucial no desenvolvimento da sexualidade da mulher, isto é, o fato de ter descoberto que o desenvolvimento da feminilidade da filha não mais poderia ser atribuído exclusivamente à relação com o pai, e sim, dependeria, sobretudo do desdobramento de sua relação com a mãe.

Ora, esta mulher que teve que constituir-se como mulher e mãe, com todos os percalços possíveis a esta dupla identificação – Freud fala em *catástrofe* quando ela não consegue sustentá-la, principalmente em relação à filha menina – torna-se, enquanto mãe, o Outro (lacaniano), ou seja, aquele ao qual a criança está referida, não existindo nunca sozinha. A mãe é elevada à categoria de Outro pelo fato de poder atender às necessidades tanto biológicas quanto amorosas da criança. Isto lhe confere um poder ao qual se dá o nome de onipotência materna, e que terá de ser regulado pela interferência de um terceiro elemento exercido pela função mediadora do pai. Tal interferência e a disposição da mãe em aceitá-

la são os fatores que impedem a criança de permanecer totalmente imersa e alienada no universo materno.

Segundo Lacan, o Outro entra na vida da criança de forma privilegiada, em função desta ter de submeter-se ao seu desejo, idéia que nos remete diretamente à noção freudiana de desamparo. Ainda seguindo as formulações de Lacan, o significante do desejo da mãe é primordial, pois a criança não conhece seu significado, ainda que este a marque para sempre. Ela só tomará conhecimento deste significado justamente quando o pai intervier, em sua função simbólica, nomeando o significante do desejo da mãe (o falo), até então vivido como enigma.

Este significante primordial (o desejo da mãe) domina a vida da criança sem que esta possa realizá-lo e sem que ela tenha acesso a seu significado, o que determina uma divisão fundamental em seu ser: uma parte dela mesma permanecerá para sempre desconhecida. Esta formulação lacaniana segue a linha de pensamento de Freud, que falava sobre o recalque originário do objeto de desejo – recalque a formar um núcleo inconsciente no sujeito, do qual este só terá uma idéia através dos efeitos inconscientes produzidos. Esta divisão, na criança, se traduz por um sentimento de inquietude em face de um Outro que fala nela e por ela. A condição da criança depende, portanto, do que se desenrola no Outro materno.

A criança acredita inicialmente que o Outro materno contém todos os significantes do universo simbólico. Só aos poucos descobrirá que ele não responde a todas as suas demandas, já que é marcado por uma falta. É assim que o Outro materno terá de revelar-se para a criança: limitado porque submetido à castração. Isto se dará através da intervenção paterna e enquanto não acontece, a criança procura uma solução para a inquietude que lhe causa o enigmático desejo da mãe, oferecendo-se enquanto o objeto que esta supostamente deseja. É forma também de garantir sua presença, tomada como prova de seu amor. A questão que parece se impor a partir desta constatação é quanto aos efeitos na vida da criança nos casos em que a mãe, ela própria, procura driblar sua limitação ou sua condição de castrada em relação a si e à criança, e, desta forma, desqualificando a palavra paterna. A ela e a alguns de seus possíveis desdobramentos, voltaremos mais adiante, através das vinhetas clínicas.

A entrada simbólica do pai nessa relação proíbe a criança de continuar nessa posição submissa ao desejo da mãe e, nesse ato, nomeia o objeto de desejo desta: o falo, tornando o desejo da mãe não mais enigmático para a criança. Ao mesmo tempo, no entanto, que a liberta desta

condição alienante, confronta a criança com sua questão sobre seu ser, isto é, com a perda da identificação fálica (ainda que ilusória). Trata-se, portanto, da constituição do Édipo: a substituição do enigmático desejo da mãe pela metáfora paterna, que lhe dá um significado. Nesse sentido, acede-se o sujeito, porém dividido, porque algo lhe falta, assim como à mãe. A demanda da criança à mãe não é, dessa forma, só demanda de amor, mas também demanda de uma resposta sobre seu ser e a busca desse fundamento acompanha toda existência do sujeito, como marca de sua alienação inicial no Outro.

De fato, a primeira falta que a criança tem dificuldade de aceitar não é a própria, mas a do Outro, pois deste dependera desde o início para sua existência. Assim, o confronto com a falta do Outro lhe é doloroso, porque confronta-a com a questão de sua própria existência: *“quem sou, se não sou o objeto de desejo de minha mãe?”* (op.cit., p.75). É justamente o atravessamento do Édipo, em processos próprios ao menino e à menina, que possibilitará a operação de identificação secundária a partir da introjeção da imago parental. Lacan afirma que o Édipo está diretamente ligado à função do Ideal do eu.

No entanto, por dificuldade da mãe em aceitar sua própria falta, ela pode tentar atender completamente a criança pela vertente da satisfação da necessidade, o que é um engodo para criança. Esta é uma idéia freudiana, apresentada no texto *“As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal”* (Freud,[1917]-1976, p.161), depois retomada por Lacan, da mãe buscar na criança alguma espécie de compensação para sua falta como mulher. Ou seja, em torno da maneira pela qual a mãe, enquanto mulher, lida com sua falta e de como nela incide a castração é que a criança se constitui como sujeito. Entretanto, fazer parte, inicialmente, dessa busca materna de compensação é indispensável para o desenvolvimento psíquico da criança e a função simbólica do pai é precisamente a de evitar que ela permaneça para sempre nesta posição de objeto de satisfação na fantasia materna.

Portanto, conclui a autora,

“o corte simbólico introduzido pelo pai na relação mãe-criança tem uma dupla função: por um lado, a de proibir a mãe de encontrar na criança uma representação simbólica para a falta que ressentida como mulher, requerendo que ela encontre outros objetos de desejo; por outro, de proibir a criança de continuar desejando ser este objeto de desejo da mãe – desejo, em si, mortífero” (op.cit., p.95).

Essa condição edípica estrutura a criança como sujeito, tendo agora o pai como o Outro simbólico, para quem a criança endereçará sua demanda.

Vemos então que a estruturação subjetiva da criança depende do lugar reservado **pela mãe** ao pai na configuração familiar, no sentido de que é preciso haver condições dele estabelecer a lei para seus filhos. Da mesma forma, o futuro psíquico da criança depende também da relação do próprio pai com a lei, uma vez que a metáfora paterna não é dada ao pai, e sim construída por ele ao se dar conta que sua tarefa é fazer operar este significante.

Portanto, trata-se de precisar, em cada caso, como a criança se arranjou com a transmissão da lei simbólica, testemunha da castração, tanto do lado da mãe, quanto do lado do pai; se, no discurso parental, a partir do qual ela mesma se constituiu, há algo que responde a essa função paterna ou não. Nos casos em que a criança tem dificuldade de reconhecer a significação simbólica da metáfora paterna, parece estar em jogo a própria dificuldade de um dos pais ou de ambos reconhecerem-se submetidos a uma inscrição simbólica, criando dificuldades para esta transmissão.

Descrevo, a seguir, três possíveis saídas dentre as muitas que a criatividade humana pode engendrar, quando a operação de separação do regressivo e, portanto, a afirmação de uma identificação mostram-se abaladas.

Assim como Zalcberg (2003), em seu trabalho, procurou explorar, na literatura psicanalítica e em outras linguagens (cinema, histórias da literatura), diferentes impasses da identificação feminina a partir da relação com a mãe, elegi três casos clínicos de meninos com a intenção de colocar uma “lente de aumento” neste processo e propor que, de forma semelhante, exige-se do menino algum esforço em separar-se da mãe, especialmente nos casos em que a função paterna hesita em sua sustentação. Ou seja, não me parece um processo nem ideal ou tampouco natural, como Freud deixou crer.

Isto pode ainda se complexificar ao se levar em conta o momento atual. Os dispositivos para dar sustentação à função paterna e aos processos identificatórios se acham confusos na pós modernidade, assim como a própria masculinidade. Segundo Silva (2005), em artigo publicado na revista “A masculinidade” da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA, n. 28, 2005), na atualidade, devido à tentativa de apagamento das diferenças, o pai encontra dificuldade para se posicionar num discurs-

so que não o materno, seja pela idealização da mãe, seja pela não autorização a romper com esse discurso. É como se a paternidade estivesse à deriva, sem o “aval” simbólico que outorgasse ao pai um lugar diferente, mas de igual importância na criação do filho que o lugar materno, este sempre incontestável. Outro artigo desta revista também leva em conta algumas vicissitudes da paternidade hoje, destacando o fato de que “*a ordem procriadora hoje está reservada ao poder das mães, detentoras da responsabilidade de ora designar o pai, ora o excluir*” (Giongo, A.L., 2005, p.62), o que pode interferir de maneira decisiva em sua função de interdição do poder materno em relação ao filho. O resultado pode ser uma inibição no exercício da paternidade, trazendo esperadas dificuldades aos seus filhos no tocante ao encontro de um bom suporte identificatório.

O caso de Léo é um exemplo clínico de como a fobia pode se instalar em socorro da criança a quem falta a metáfora paterna, tornando-se um substituto, a partir do qual poderá estruturar-se de certa forma em um mundo simbólico.

Léo, aos 9 anos, foi encaminhado para tratamento a partir de uma terapia de família (onde, mais tarde, constituiu-se a terapia individual da mãe com uma das profissionais) por apresentar medos, com diferentes origens, que sucederam-se da seguinte maneira até a chegada à análise: medo de chuvas e tempestades, que resultou em uma troca de escola (o barulho produzido no teto, bem como das mangas que caíam sobre este lhe era insuportável); de insetos voadores (com os quais confrontava-se no sítio da família materna) e, por fim, dos zumbis presentes em um videogame intitulado “Resident Evil”, que expressava a idéia da sensação do mal que o habitava.

Os pais de Léo namoravam quando a mãe engravidou e o instável relacionamento do casal sofreu diversas idas e vindas até seus 3 anos, quando rompeu-se definitivamente, com o concomitante desaparecimento do pai. Este só voltou a rever o filho próximo de seus 5 anos, chamado pela mãe, após esta ter assistido ao filho “convidando” o professor de música para ser seu pai (ambos, pai e filho, gostam muito de música e tocam instrumentos). A mãe dirigia severas críticas ao pai, estando este ausente ou mesmo em sua presença, ao mesmo tempo que o valorizava como figura importante na vida do filho. Este recebia de sua mãe um discurso ambivalente sobre seu próprio pai.

Na ocasião da gravidez, o namoro ora desfeito pouco a abalou, plena que estava com sua tardia, porém obtida gravidez. Sentia-se forte, agora tinha seu filho. Porém, relata ter esquecido-se dela, dedicado-se integral-

mente ao filho, além de superprotegê-lo e sentia-se insegura e falha na questão dos limites. À sua fragilidade emocional contrapunha-se a atitude autoritária de Léo (o que também lhe dava muito medo). Nas entrevistas iniciais, ela relatou sua própria história de filha de uma gravidez inicialmente indesejada e depois “bancada” pela mãe acompanhada do seguinte dito: “esta filha será somente minha”. Ela teve, de fato, uma intensa ligação com a mãe durante a infância e muita dificuldade de separação, inclusive para ir à escola. Com a morte da mãe, enfrentou um período de depressão e anorexia, recorrendo, na ocasião, a tratamento psiquiátrico e terapia. Foi justamente ao engravidar que “sentiu-se forte” e deixou os tratamentos. Ter um filho, para ela, foi o que deu certo, assim ele não poderia ter defeitos, como um “superpoderoso”. Nas primeiras sessões, em paralelo ao medo dos zumbis, aparece, em seu relato, um “clube dos superpoderosos”, do qual ele é o presidente. Mas como seu superpoder é falso, ele teme as forças da natureza e o que em geral ele não controla.

Vemos então que a fobia surge como uma estrutura defensiva, com objetos de fixação da angústia – esta sendo o único estado emotivo presente – em que são possíveis medidas de evitação. Léo parecia querer se proteger da completude narcísica ensinada pela mãe, de ser um bebê falo, ao mesmo tempo em que parecia temer o poder outorgado a ele em face da aparente fragilidade da mãe. Os sintomas do medo podiam ser entendidos como encenações fantasmáticas da angústia de castração, especialmente ameaçadoras, para ele, devido à ausência do pai, lhe colocando no lugar de “homenzinho da mãe”, e dessa maneira, impedindo-o de entrar nesse confronto com sua própria falta, uma vez que a mãe não se mostrava ela própria faltosa. O medo maior parecia ser o de crescer e ter acesso à agressividade, por acreditar que se não fosse o bebê fraco e dependente, poderia destruir a mãe; por outro lado, a onipotência que transitava entre ele e a mãe lhe causava pânico (certa vez, ele a ameaçou com uma faca e em outra ocasião me conta em segredo que ainda usava mamadeira, fato que a mãe me omitiu).

Perrier, no texto “Fobias e Histeria de Angústia” (Perrier, F.,1992), nos oferece uma esclarecedora definição quanto às condições de surgimento da fobia. Diz ele:

“O surgimento da fobia, qualquer que seja o contexto, evoca a inserção do sujeito numa situação histericamente estruturada, da qual daremos a definição seguinte: situação triangular na qual um sujeito tenta, através de uma identificação homossexual parcial e inconsciente, atingir o objeto homos-

sexual de seu desejo, quer dizer, o parente do mesmo sexo ao qual ele não pode diretamente se identificar” (Perrier,1992, p.45).

Em outros termos, o que se depreende da construção do autor é a reafirmação do apelo ao objeto que não está presentificado e cujo sintoma busca de algum modo recriá-lo. E acrescenta:

“(…) a fobia é sempre o testemunho, no interior de uma neurose, de uma fase evolutiva em que se coloca, na angústia, a questão de uma identificação estruturante, da qual a fobia é ao mesmo tempo a promessa e o fracasso” (Perrier,1992, p.45).

Assim, ser mãe é estar sempre fazendo o luto da perda da criança como um objeto causa de seu desejo, o que esta foi um dia. E para o sujeito, por sua vez, paira sempre o temor e a ameaça de voltar a ocupar a posição de submissão, como objeto, ao Outro. Quanto menos separada da mãe for a criança, tanto mais, depois, sente-se sem consistência própria e tanto mais temerá o risco do Outro submetê-lo novamente a seus desígnios. Portanto, pelo fato do Outro materno apresentar-se submetido ou não submetido à castração, a criança estará sujeita a estes dois aspectos que constituem a subjetividade da mãe.

Tiago vem para análise com cerca de 15 anos, três anos após a descoberta de sua diabetes do tipo 1, isto é, um insulino-dependente. É sua analista quem me encaminha sua mãe para atendimento devido à evidente indiscriminação entre as questões do filho e as suas próprias. A gravidez de Tiago não foi planejada e tomou a mãe de susto ao descobri-la já com quatro meses de gestação e com o bebê em bom estado de saúde, a despeito da falta de cuidados específicos, denotando seu desejo de viver. No entanto, ao nascer, a mãe delegou seus cuidados à avó materna e procurava de todas as maneiras apressar a separação, evidentemente precoce, para liberar-se de um bebê que chorava muito e que ela sentia-se incapaz de interpretar e de atendê-lo. Anos mais tarde, com o surgimento da diabetes, tomou a culpa desse fato para si e encarregou-se completamente da vida e dos cuidados com a saúde do filho, sem partilhar com mais ninguém, a tal ponto que o próprio menino, quando foi capaz para tal, não conseguia cuidar-se longe dos olhares da mãe. A separação do casal também veio nessa ocasião, por iniciativa de mãe que, embora ainda gostasse do marido, não conseguiu suportar estar com alguém incapaz de arcar com as questões práticas e urgentes da vida: o sustento da família, os cuidados com a doença do filho.

Em seu livro, Zalcberg (2003) diz que,

"o discurso do Outro começa dirigindo-se não a ela, criança, mas ao personagem que ela encarna na cena familiar; esta designação acabará constituindo-o como sujeito" (op.cit., p.159).

Mais uma vez, entendemos que a estruturação subjetiva se dá a partir da relação da criança com o Outro. Da mesma forma, a criança depende, de início, do assentimento do outro para reconhecer-lhe um corpo. Poderemos pensar o surgimento da diabetes como o momento do reconhecimento de seu corpo pelo outro, cristalizado, talvez, nos cuidados exigidos à mãe para manutenção de sua saúde e, conseqüentemente, de sua vida?

O ser humano constitui-se inicialmente através do olhar materno que exprime sua demanda, seu desejo, suas identificações. Winnicott, cuja conceituação me parece a propósito introduzir a respeito deste caso, sem pretender uma confusão teórica de línguas, foi um dos que destacou a importância do olhar materno no desenvolvimento das crianças, chamado por ele de função de espelho da mãe (inspirado no "estádio do espelho" lacaniano). Segundo Izhaki (2005), num ambiente de confiança, a mãe é sentida como se refletisse de volta o que se passa com a criança, ou seja, funciona como o espelho que ela ainda se olha, conferindo-lhe tranqüilidade. Winnicott (1975) apontou a possibilidade da criança olhar para mãe e, no lugar de encontrar a si mesma no olhar materno, deparar-se com uma mãe que refletia a rigidez de suas próprias defesas. É preciso que na condição do estágio do espelho a criança seja realmente investida pelo olhar desse outro, algo que pode ter falhado na história de Tiago. Neste sentido e conjugado a outros dados relevantes na sua história, será possível pensar na diabetes como uma resposta corporal ao desamparo, acrescido deste olhar materno enfraquecido, vivido pelo menino?

Aos 18 anos, Tiago encontra-se pouco cuidadoso em relação à sua doença e expondo-se a novos perigos (drogas), que se assemelham a experiências de separação, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, que talvez busque capturar o olhar materno sobre ele. Decidiu recentemente tatuar o sobrenome paterno, pelo qual ele é mais conhecido em seu meio, em seu ventre, local, inclusive, onde ele injeta a insulina. Quando lhe foi argumentado que esta seria uma marca definitiva, ele respondeu que a diabetes também é. Este desejo parece expressar uma condensação, um amálgama de vários elementos de sua história: inscrição materna – reconhecimento de um corpo através da doença –, ao mesmo tempo em que

pode representar a inscrição da função paterna, do nome-do-pai. Diz Zalcberg (2003):

“Ao receber um nome, abre-se a possibilidade para a criança de ter acesso a uma identidade particular a partir da qual poderá situar-se no registro simbólico, na família, na sociedade” (op.cit., p.159).

Esta pode estar sendo a aposta de Tiago.

A terceira e última vinheta clínica que compôs a construção desta questão sobre a presença ou ausência das figuras parentais e as possíveis saídas para as crianças, diz respeito a Rafael, 13 anos, recém encaminhado para tratamento, a partir de um pedido da mãe, a quem eu atendo já há alguns anos. A queixa referia-se a mentiras bem sustentadas pelo filho, sempre com o objetivo de burlar a lei e a autoridade, na maioria das vezes encarnada pela escola ou pela própria mãe. Seus pais separaram-se quando ele tinha pouco mais de um ano, tendo seu pai casado-se logo em seguida, mais tarde tornado-se pai novamente e, de uns anos para cá, falhado na regularidade das visitas. Quando vai ao encontro dele, Rafael queixa-se do excesso de “obrigações” que tem lá. As obrigações impostas pela mãe, procura burlá-las, por vezes, fazendo uso de suas artimanhas, o que causa uma reação materna de raiva, impaciência e frustração, seguida de culpa.

A razão desse “jogo de forças” entre mãe e filho, onde a primeira impõe sem parar um excesso de regras e deveres e o segundo cria modos de os driblar, às vezes de maneira calculista e astuciosa, parece originar-se da história primitiva da mãe. A lei, na história dela, parece ter claudicado na medida em que seu pai foi por muito tempo ora um fugitivo das perseguições políticas, ora preso político, ou seja, bastante tempo ausente da vida familiar e, como saída, sua mãe criou os quatro filhos com forte rigor, embora num momento seguinte tenha retirado o olhar deles em favor de uma segunda chance amorosa surgida em sua vida. Assim, a contenção materna exagerada e depois o abandono criaram as condições para que houvesse, por parte da mãe de Rafael, um incremento ou um excesso de lei na educação de seu filho, agravado talvez pelo distanciamento da figura paterna muito cedo na vida do menino. Desse modo, podemos crer em uma inabilidade da mãe em apresentar a lei ao filho, oriunda de uma desregulação nascida em sua própria história, porém desejosa de transmiti-la a todo custo, talvez no sentido de corrigir suas próprias falhas e as falhas de sua educação.

A mãe atribui todas as perfeições à criança imaginária em função de seu narcisismo. Esta imagem idealizada depositada sobre a criança origina-se do investimento libidinal, o qual, segundo Freud (1914), permite a transferência da libido do corpo para um objeto. Este investimento favorece a superposição da imagem idealizada de nós mesmos – aquela que sempre sentimos por não tê-la alcançado – com a imagem que queremos encontrar na criança, que será da mesma forma idealizada. Parece que o que queremos alcançar é uma resposta – imaginária – ao anseio de nossos pais. Esta é inclusive uma idéia freudiana, exposta no texto sobre o narcisismo (Freud, [1914]-1976, p.108): o amor dos pais, apesar de sua transformação em amor de objeto, não deixa de revelar sua verdadeira identidade: amar a si mesmo como ansiou ser amado pelos próprios pais. Alguns dedicam-se ao luto desta representação da “criança maravilhosa” que gostaríamos de ter sido para nossos pais; outros parecem seguir perseguindo este ideal através dos filhos.

Rafael parece sentir-se aprisionado a esta imagem idealizada e, com suas atitudes, indica o desejo de escapar no sentido contrário a tal idealização, ao mesmo tempo em que a mãe insiste em ver a si própria no filho, porém no formato idealizado. Temos visto em sua análise o quanto ela parece viver hoje o drama de afastar-se e aproximar-se de seu modelo materno. Também é digno de nota o quanto mãe e filho cessam seus embates quando há a interferência de um terceiro elemento na cena, presentificado por seu atual marido, pai de seu segundo filho.

Quanto às atitudes de rebeldia e de constantes questionamentos das regras apresentadas por Rafael – “sumiço” da caderneta escolar através de uma história fantasiosa, cortar a si próprio com faca para simular um assalto – estas remeteram-me à noção winnicottiana de tendência anti-social (“Privação e Delinquência”, 1999).

Deslizo para um outro referencial teórico e não sem razão, já que Winnicott construiu sua teoria num nível mais regressivo do desenvolvimento, destacando a importância do ambiente e, conseqüentemente, das falhas ambientais, passíveis de deter o processo de maturação do indivíduo (por ambiente, entende-se a mãe ou quem exerça a função de maternagem). Para ele, *“a maturação requer e depende da qualidade favorável do ambiente”* (Izhaki, 2004, p.116). Além disso, entendo que este autor, através de uma “outra gramática”, também trabalha o apelo à lei, privilegiando, no entanto, os limites regressivamente apresentados pela mãe. Por acreditar em uma maior debilitação da figura do pai nesta terceira vinheta clínica, é que, mais uma vez, recorri à Winnicott.

O autor nomeou a tendência anti-social como uma experiência de privação, isto é, uma experiência catastrófica de abandono que se passa após um período de bom desenvolvimento e cuidados adequados que tenha possibilitado ao bebê desenvolver um **eu** capaz de reconhecer a responsabilidade externa de seu padecimento e é por isso que suas reações de agressividade são direcionadas ao ambiente, especialmente à mãe e, com o passar do tempo, a outros alvos como substitutos simbólicos da mãe.

Segundo Winnicott (1999), o roubo sintomático, ao lado de atitudes de reivindicação e protesto, funciona como se a criança estivesse recuperando “algo que lhe é devido”, pois ela tem o registro do período de boas experiências e sabe o que perdeu. São sintomas que configuram uma atitude de desconfiança básica diante do outro, não permitindo à criança valorizar nem mesmo o verdadeiro cuidado que possa receber após a privação. Ela age como se os outros seres humanos tivessem deixado de ser confiáveis depois de terem-na feito acreditar que eles o seriam.

Seguindo ainda este autor, uma criança normal, se tem a confiança do pai e da mãe, usa de todos os meios possíveis para se impor. Se o lar suporta tudo o que a criança pode fazer para desorganizá-lo, isto lhe dá a confiança de um “quadro de referência” e ela “sossega”, é capaz de brincar, não sente medo excessivo de seus próprios pensamentos, muitas vezes destrutivos, típicos do amor primitivo. É muito provável que a experimentação do pequeno Rafael em muito tenha assustado à mãe, imersa que estava no modelo materno de forte contenção dos impulsos. Junto a isso, muito cedo, há a saída do pai e, mais tarde, a entrada de um novo homem é acompanhada de uma nova gravidez da mãe e da troca de casa e de escola, próxima de seu novo bairro. Neste momento, segundo a mãe, há um incremento de agressividade. Winnicott diz:

“Ao constatar que o quadro de referência de sua vida se desfez, ela deixa de se sentir livre. Torna-se angustiada e, se tem alguma esperança, trata de procurar um outro quadro de referência fora do lar”. (Winnicott,1999, p.130).

Neste sentido, é que ele defende a idéia de que a tendência anti-social e mesmo a delinquência indicam a existência de alguma esperança; nada mais é que um “S.O.S.”, um pedido de controle de pessoas fortes, amorosas e confiantes. Sem este sentimento de segurança, a criança transgride contra a sociedade a fim de restabelecer o controle proveniente do exterior.

Uma das direções da tendência anti-social é a destrutividade: nesta, a criança está procurando aquele momento de estabilidade ambiental que suporte a tensão derivada do comportamento impulsivo. É a busca de um suprimento ambiental que se perdeu e no qual se possa confiar novamente, para que volte a se movimentar, a se excitar. Nesse sentido, a criança provoca reações ambientais totais, como que buscando uma moldura cada vez mais ampla,

“um círculo que teve como seu primeiro exemplo os braços ou o corpo da mãe” (op.cit., p.141).

Winnicott (1999) não deixou de mencionar o pai na conjuntura desta síndrome. Ele diz que, quando a criança rouba ou destrói, ela está procurando a mãe, mas necessita, ao mesmo tempo, encontrar a autoridade paterna que pode por e porá um limite ao efeito concreto de seu comportamento impulsivo. A criança tem uma necessidade aguda de um pai rigoroso, severo, que proteja a mãe de seus ataques contra ela, ataques oriundos do amor primitivo.

“Somente quando a figura paterna rigorosa e forte está em evidência, a criança pode recuperar seus impulsos primitivos de amor, seu sentimento de culpa e seu desejo de corrigir-se” (op.cit., p.131), lugar que o pai de Rafael não parece estar ocupando plenamente.

Desse modo, vimos, através do trajeto pelas histórias desses três meninos, três diferentes saídas, certamente não as únicas possíveis, para uma cena em comum: pais de certa forma ausentes e mães que, em diferentes gradações, vacilaram ao presentificar a palavra paterna. Um deles procurou o pai através do medo, o outro através da tendência anti-social e com ela alguma representação de lei e o terceiro, diferente dos outros dois que se voltaram para fora, voltou-se para si mesmo, para seu corpo, isto é, distante de uma simbolização, embora, ao sintoma psicossomático, acrescente-se outros. Trata-se, em seu caso, de um apelo mais frágil ao externo, não tanto um limite, mas um apelo a que se cuide dele. São todas elas sofridas tentativas no sentido de fazer suplência à palavra paterna enfraquecida e saídas para uma constituição possível no mundo simbólico.

Denise Duek Reznik

Psicanalista, Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.
Pós-graduada no curso de Especialização Clínica, PUC-RJ
Rua Sebastião de Lacerda 47, Laranjeiras, RJ
tel.: 2245-7873
e-mail: dreznik@uol.com.br

Referências

- FREUD, Sigmund (1914). *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- _____ (1917). *As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (E.S.B., 17).
- _____ (1925). *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (E.S.B., 19).
- GIONGO, Ana Laura. Ex – pai. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre: APPOA*, ano 13, n. 28, 2005.
- GORAYEB, Raul. O observador engajado. *Revista Viver Mente&Cérebro – Winnicott*. São Paulo: Ediouro, 2005.
- IZHAKI, Fania. A espiral Winnicottiana; um percurso em direção a uma metapsicologia inovadora. *Cadernos de Psicanálise – CPRJ*, ano 26, n. 17, p. 111-127, 2004.
- _____. Brincando com Winnicott na presença de Whitehead. *Cadernos de Psicanálise – CPRJ*, ano 27, n.18, 2005.
- PERRIER, François. Fobias e Histeria de Angústia. In: _____. *Ensaio de Clínica Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- SILVA, Ieda Prates. Para ser um guri: espaço e representação da masculinidade na escola. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre: APPOA*, ano 13, n. 28, 2005.
- WINNICOTT, Donald W. *Privação e Delinqüência*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- ZALCBERG, Malvine. *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

Artigo recebido em 5 de agosto de 2005

Aceito para publicação em 20 de setembro de 2005